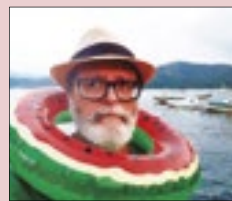


Nei Lopes recebe medalha na Casa de Rui Barbosa



PÁGINA 3

Eduardo Souza Lima repassa mazelas do século



PÁGINA 4

Último Indiana Jones tenta a sorte no streaming



PÁGINA 5

## 2º CADERNO

# O passageiro dos relâmpagos que carrega um catavento

Fabricia Santos/Divulgação

Sob a coordenação do Sesc SP, livro e CD celebram sete décadas de atividades culturais de Hermínio Bello de Carvalho



Divulgação

Por Affonso Nunes

**T**estemunha ocular e também protagonista de grandiosos momentos da música brasileira, Hermínio Bello de Carvalho está completando 70 anos de ininterrupta atuação. Nada mais justo para celebrar a efeméride do que o projeto comemorativo concebido pelo Sesc São Paulo. Coordenado pelo produtor paulista Helton Altman, o tributo ao poeta, compositor e agitador cultural, reúne o livro “Passageiro de Relâmpago” e o CD “Cataventos”.

A organização do livro foi entregue à cantora e compositora Joyce Moreno, parceira do poeta há longos anos. “Recebi do amigo Hermínio a honrosa incumbência de orga-



Divulgação



*Parceiro de Cartola, Dona Ivone e tantos outros, HBC é um gigante da MPB*

nizar os textos com que ele marca inacreditáveis 70 anos de atividade. São textos inéditos, guardados por ele, de máxima importância para trazer um novo olhar sobre a história cultural do Brasil. Um olhar de quem viu e viveu tudo”, resume ela.

HBC, como é carinhosamente chamado, foi parceiro de Cartola, Dona Ivone Lara, Paulinho da Viola, Pixinguinha. Fez letras para choros de Jacob do Bandolim e foi cantado por Chico Buarque, Elizeth Cardoso, Elza Soares, Gal Costa, Ney Matogrosso. Com direção de Helton Altman e produção musical e arranjos de Lucas Porto, “Cataventos” conta com sambas, sambas-canção e uma

valsa em 15 faixas.

Um elenco de intérpretes aborda o repertório autoral do homenageado: Maria Bethânia, Alaíde Costa, Vital Lima, Paulinho da Viola, Áurea Martins, Joyce Moreno, Zé Renato, Vidal Assis - com destaque para alguns parceiros da vida artística de Hermínio: Alfredo Del Penho, Ayrton Montarroyos, Gabi Buarque, Giulia Drummond, Marcos Sacramento, Pedrinho Miranda e Pedro Paulo Malta. O CD tem a participação especial da atriz Fernanda Montenegro, que abre o fecha o disco declamando os poemas “Labirinto” e “Enunciação”.

Continua na página seguinte

# 'Estou permanentemente cataventando'

**“O** álbum é um espanto. Faz a gente se perguntar: como um homem de 88 anos, com a história e as realizações de Hermínio, consegue ainda ter fôlego para lançar uma obra inédita desse porte? Quando tantos bem mais novos que ele já se aposentaram, penduraram as chuteiras ou se mantiveram num círculo de eternas repetições, vivendo de antigas glórias, eis que esse guerreiro cultural rompe a cortina do passado e nos apresenta esta série de canções inéditas, de fio a pavio, com parceiros não tão recentes e outros que recém-foram alunos e alunas seus”, elogia Joyce.

Segundo Lucas Porto, parceiro e amigo desde 2007 quando se conheceram na Escola Portátil de Música no Rio de Janeiro, a lista de composições de Hermínio é “um prato cheio para qualquer arranjador, pelo contraste natural entre músicas inéditas recentes e outras com mais de 30 anos que foram redescobertas, como ‘Labaredas’, cantada pelo Ayrton Montarroyos, uma parceria de Hermínio com Cartola que foi gravada apenas uma vez na década de 1980”. Sou curioso, de ouvido bom, comentarista de música desde os 16 anos. Gosto de trabalhar com estranhezas. Durmo pouco, leio muito e produzo muito também. Tenho mais uns cinco livros por editar e mais uns dois discos prontos. E sim, cultivo cataventos. Estou permanentemente cataventando, exposto aos raios e às ventanias, abençoado por meus anjos da guarda desde menino: Pixinguinha e Cartola, parceiros fúlgidos, luzentes; e Clementina de Jesus, baobá iluminado pelo olhar incandescente de Mário de Andrade, meu farol. Sigo meu destino pisando um chão coruscado de esme-



Acervo Pessoal

A obra de Hermínio é prato cheio para qualquer arranjador



Hermínio e Cartola: parceiros



Com Clementina no show 'Rosa de Ouro'

raldas e estrelas – sina dos poetas”, comenta HBC.

“Fica evidente que este é um disco de música e poesia, com a primeira e a últimas faixas dando-nos o privilégio da voz de Fernanda Montenegro. Nunca, nunca mesmo, poderia imaginar que ela um dia estaria recitando

um poema meu”, espanta-se.

Dentre as canções presentes no disco, vale fazer alguns destaques. “Valsa da Solidão” foi a primeira música feita com Paulinho da Viola, mas só agora foi gravada pelo artista. Já “Cobras e Lagartos”, a mais exitosa parceria com a compositora Sueli Costa, ganhou uma

homenagem de Maria Bethânia, que a gravou com arranjo e violões de João Camarero. Entre as inéditas, destacam-se “Louva-a-Deus”, parceria com Vidal Assis e Luis Barcelos na voz de Joyce Moreno e Alfredo Del-Penho, e “Só se for agora”, interpretada pela cantora Alaíde Costa.

Como se não bastasse sua grandeza como compositor, o poeta considera inevitável em sua biografia a abordagem de programas culturais, como a criação dos Projetos Pixinguinha e o Lucio Rangel de Monografias na Funarte - bem como a revelação de Clementina de Jesus, antes uma então desconhecida empregada doméstica com 62 anos de idade, posteriormente um mito consagrado internacionalmente. Clementina foi estrela do musical “Rosa de Ouro” na década de 60 onde igualmente atuava Paulinho da Viola, primeiro parceiro musical de Hermínio.

Aos 88 anos, HBC tem em seu currículo mais de 20 livros publicados e uma extensa produção discográfica - mais de 150 músicas gravadas - além dos muitos prêmios que recebeu ao longo de sua carreira artística - com destaque para a Ordem do Mérito Cultural e o título de Doctor Honoris Causa concedido pela Unirio, Universidade do Rio de Janeiro. Hermínio Bello de Carvalho é Presidente do Conselho Deliberativo da Casa do Choro/Escola Portátil de Música. É dele o autor do do seguinte texto.

“Não é muito difícil falar sobre o meu trabalho. Graças ao apoio do Sesc São Paulo, oferecido através do Danilo Miranda (morto semana passada), foi possível editar o livro e produzir o CD. Convoquei, com anuência do Danilo, o produtor Helton Altman para administrar esse programa. E o critério para a produção do disco, por exemplo, obedeceu a um conceito bem claro: também abrir espaço para jovens parceiros meus ao lado de nomes já consagrados - e abordar um repertório majoritariamente inédito. E isso sem falar do time de excelentes músicos, a maioria deles recrutados pelo arranjador e maestro Lucas Porto. Convocamos o artista plástico Mello Menezes para ilustrar o trabalho da capa do disco e a minha parceira Joyce Moreno foi chamada pelo Helton para a organizar o livro de crônicas. Tudo isso, lembremos, graças ao apoio do Sesc através do Danilo, que infelizmente nos deixou no último dia 31. A ele dedicamos este projeto.

Compositor e escritor relança livro e recebe medalha em tarde de autógrafos na Casa de Rui Barbosa

“**A** Lua Triste Descamba” (Pallas Editora), o romance de Nei Lopes que destrincha as memórias do subúrbio carioca e o surgimento das primeiras escolas de samba, ganha nova edição neste 2023, oito anos depois do seu lançamento original. A tarde de autógrafos será nesta segunda-feira (6), a partir das 16h, durante a Semana de Cultura da Fundação Casa de Rui Barbosa, em Botafogo.

Além de uma caprichada roda de samba, como era de se esperar num evento de Nei Lopes, haverá uma mesa redonda reunindo os escritores Rachel Valença e Luiz Antônio Simas e o presidente da Casa, Alexandre Sanini, com mediação do jornalista Walter Honorato. Na ocasião, o autor, cantor e compositor receberá a Medalha Rui Barbosa, concedida anualmente, desde 1949, àqueles que se destacaram na contribuição e no fortalecimento da cultura brasileira.

O livro de Nei rebobina um tempo alinhavado por outras gírias e expressões, com as paisagens interioranas e chácaras onde cresceram prédios e hábitos prosaicos de sua gente - namoro no portão, cadeira de praia na calçada e festas de rua, pagãs e religiosas. A música risca a narrativa, com rodas de choro, ranchos que se transformaram em escolas de samba e a mítica Praça Onze.

“A nova edição deste que é



Nei Lopes participa de tarde de autógrafos e bate-papo com leitores no relançamento de seu romance ‘A Lua Triste Descamba’

# As origens do samba como romance, por Nei Lopes

um dos meus romances preferidos superou todas as minhas expectativas. Graficamente elegante, ele é também misterioso, como eu sempre desejei. E é tão instigante, quanto sempre foi para mim, o pedaço carioca onde a trama principal se desenvolve, entre o Estácio e Oswaldo Cruz”, pontua Nei Lopes, com 81 anos vividos entre livros, sambas memoráveis, estudos profundos so-

bre as religiões de matriz africana e uma relevante contribuição aos estudos sobre o papel do povo preto na sociedade brasileira.

O protagonista de “A Lua Triste Descamba” é Juvenal, o Nanal, legítimo representante da malandragem carioca dos anos de 1940. Ele narra as suas aventuras que percorrem a geografia do samba: do Estácio para Madureira, do Largo da Carioca

para o Largo de Campinho, da Central a Osvaldo Cruz e para Fontinha, bairro depois rebatizado para Bento Ribeiro.

O relato de Juvenal vai mesclando fatos históricos e personagens reais, como Grande Otelo, Bide e Ismael Silva, a outros assumidamente inventados. E, nessa mistura, vale tudo: amor, jogo, política, o comércio da música e até mesmo a questão dos

direitos autorais se entrecruzam, inclusive, numa sequência de crimes misteriosos.

## SERVIÇO

NEI LOPES NA CASA DE RUI BARBOSA  
Fundação Casa de Rui Barbosa (Rua São Clemente, 134, Botafogo)  
6/11, a partir das 16h  
Entrada franca



ENTREVISTA / EDUARDO SOUZA LIMA, CINEASTA, ESCRITOR E CRÍTICO DE CINEMA

# ‘Só teremos algum futuro se o patriarcado ruir’

Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

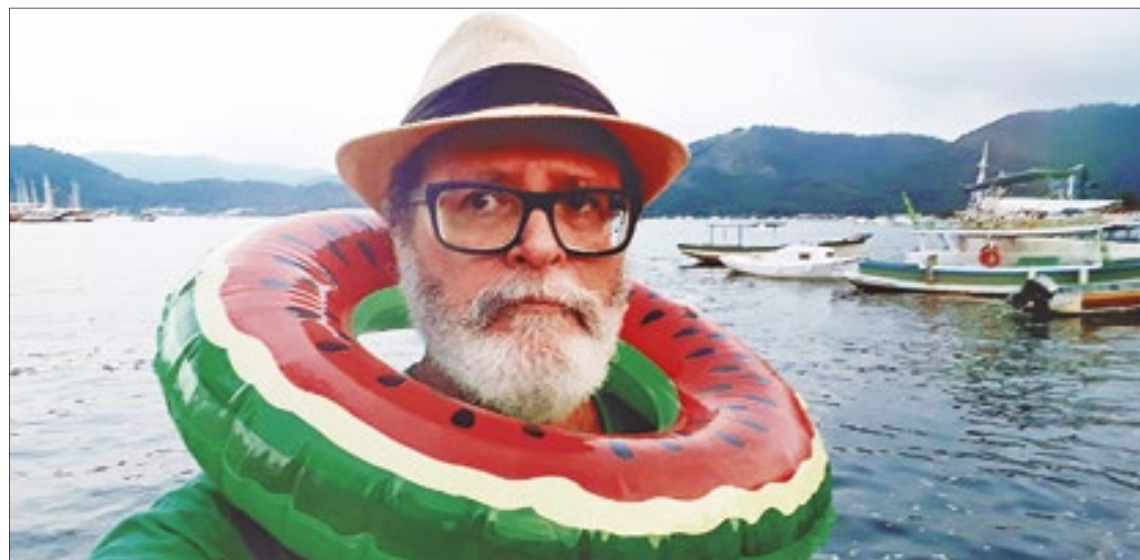
**R**ealizador de curtas como “Bola Para Seu Danau” (2015) e codiretor do longa-metragem “Rio de Jano” (feito a seis mãos com Anna Azevedo e Renata Baldi), Eduardo Souza Lima, carioca de Realengo, foi uma grife na crítica cinematográfica entre dos anos 1990 até 2006. Nessa época de ebulição e texto leve, salpicava suas resenhas de filme de provocação política e de ironia fina, no domínio pleno das locuções prepositivas.

Reminiscências de “Memórias Íntimas e Confissões de Um Pecador Justificado”, tratado literário de James Hogg (1770-1835), e vários alumbramentos trazidos pelas HQs da Sociedade da Justiça e do Arqueiro Verde imbuíam seu texto feroz de alegorias anarquistas e de um cinismo pop rascante.

Sob a alcunha de Zé José, sua identidade secreta, o Oliver Queen do subúrbio formou cabeças (como subeditor do Segundo Caderno de O Globo) e desafiou entraves da política cultural no país, sempre celebrando o viço do cinema brasileiro. Nelson Pereira dos Santos era seu patuá (vide “O Amuleto de Ogum”) e Eduardo Coutinho era sua bússola estética.

Nesse percurso, sempre de pé no chão, foi esmerilhando sua relação com o vernáculo e sua intimidade com a prosa, avesso a aburguesamentos, atento às contradições sociais do país, numa jornada reflexiva que culminou num romance com tintas de dramaturgia absurda: “Martina no Vale do Germânico”. O livro está em pré-venda pelo site Cousa. Dá pra comprar pela URL: <https://www.editoracousa.com.br/produtos/martina-no-vale-do-germanio/>.

Com um pé na ficção científica (à moda “Metrópolis”), esse “1984” com molho de Carlos Zéfiro mistura querer e angústias. Sua medula é de história de amor, amor carnal, passada no mundo virtual. Nela, Moisés, um gênio da programação, vive à espera de que o relógio bata



Acervo Pessoal

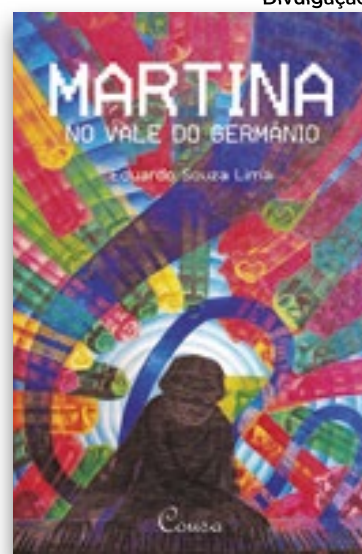
**Souza Lima: ‘Ainda não aprendemos a lidar com uma dádiva maravilhosa que é o sexo’**

15h06 em ponto para se encontrar com sua amada amante, Martina, em algum ambiente digital do ciberespaço. Essas escapadas da realidade só podem durar uma hora, que é usada exclusivamente para o sexo. Um dia, ela desaparece e ele, que guarda um segredo de seu passado, tem que se arriscar a ser descoberto pelo Lebréu, o programa de buscas definitivo que criou, capaz de descobrir o paradeiro de qualquer um, mesmo que esteja desconectado.

Na entrevista a seguir, Zé José passa em revista o modo de se pensar matrizes e Matrixes.

**De que modo a figura de Martina é uma analogia da mulher-robô de Metrópolis na tua narrativa? Que expressionismo e que alarmismo cabem na tua ficção?**

**Eduardo Souza Lima:** É difícil fazer essa comparação sem entregar a história. Posso dizer que tanto Maschinenmensch quanto Martina são tentativas de voltar ao



Divulgação

passado para modificar o presente e representações não da fortaleza feminina, mas da fraqueza masculina, uma patética tentativa de dominação. Somos covardes. Embora o meu livro não seja propriamente passado nos dias de hoje, ele é dirigido ao público atual. Não é coincidência que ambas as histórias se passem nas décadas de 20 de seus respectivos séculos. São tempos

históricos, não sabemos o que fazer com a liberdade que conquistamos a duras penas, ainda não aprendemos a lidar com uma dádiva maravilhosa que é o sexo: ou é sub ou é superestimado. E o que aconteceu no século XX está se repetindo como tragédia no XXI. Só o exagero dá conta de representar este mundo. Para mim, tanto “Metrópolis” como “Martina no Vale do Germânico” apontam para a mesma direção: só teremos algum futuro se o patriarcado ruir.

**De que maneira o quadrinista Carl Barks, mito das HQs Disney responsável pelas aventuras do Pato Donald, moldou a sua forma de escrever? Como ele se faz presente nessa imersão na prosa?**

Carl Barks é, disparado, minha maior influência. Dedico o livro a outros dois Carlos, Sagan e Marx, mas eu já era fascinado pelo espaço quando vi “Cosmos”, pois sou filho da Corrida Espacial, e já era comu-

nista muito antes de conhecer “O Capital”. Para mim, são duas coisas naturais, inerentes ao ser humano. Já Barks me apresentou a Homero, à mitologia grega, às ciências, às civilizações pré-colombianas, à História. Por causa dele li a “Odisseia” e a “Ilíada”. Sua narrativa é inigualável, uma mistura engenhosa de aventura, suspense e humor. Humor, para mim, é fundamental, e, diferentemente do que diz o senso comum, ele jamais representava a cultura estadunidense como superior às demais, muito pelo contrário. O dito inferior sempre saía ganhando.

**De que forma a sua experiência progressista como crítico dá o tom das referências audiovisuais do teu livro?**

Fiz durante uns anos a coluna de filmes de TV do Globo. Era um trabalho insano, não só por ser diário, como por não existir internet na época e o espaço ser sempre do mesmo tamanho, houvesse só um ou 30 filmes. Eu via, lia e escrevia cada coisa que começava a inventar sinopses malucas. Achei que essas fichas seriam um bom exemplo do mundo que eu queria retratar. Mas a realidade continua superando minha imaginação.

**Que Brasil está refletido nas quase utopias de “Martina”?**

Comecei a escrever esse livro em 1996. Ele é pré-“Matrix”. Se tivesse saído na época, seria considerado visionário. Parei por motivos diversos e resolvi retomá-lo agora. Mas mantive a ideia de ser um livro que imaginaria o futuro a partir dos anos 1990. Terminei de “Martina” como se o tivesse escrito nos anos 1990. Por mais que eu soubesse naquela época que as coisas caminhavam para o abismo e que estávamos cercados de idiotas por todos os lados, jamais imaginaria que iríamos regredir a um fascismo tão tosco. Imaginava algo mais um tiquinho mais sofisticado. O cinismo foi a marca dos anos 1990. O cinismo pode não ser nobre, mas requer inteligência. A preguiça venceu.

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**N**ão desce pela garganta de nenhum cinéfilo raiz o fracasso de “Indiana Jones e a Relíquia do Destino”, que custou cerca de US\$ 290 milhões e faturou US\$ 383,9 milhões mundo afora, o que não zera (nem de longe) as contas. Na aritmética de Hollywood, o lucro só vem quando um filme contabiliza três vezes aquilo que custou. Bateu essa meta, lucra.

Harrison Ford fez muito estúdio lucrar, da Fox, com “Star Wars” (1977-1983), à Warner, via “O Fugitivo” (1993). Porém o mundo e os números hoje são outros... Mas existe a streaminguesfera, onde muito flop do circuitão vira fenômeno de acesso. No dia 1º de dezembro, o longa-metragem mais recente do herói eternizado por Ford, sob a batuta de Steven Spielberg, chega à Disney+. Aí, um novo capítulo há de se desenhar para o audiovisual.

Amamos odiar o longa anterior, “O Reino da Caveira de Cristal” (2008), o episódio quatro da franquia “Indiana Jones”. Apesar de Spielberg ser o seu realizador, esse tomo quatro jamais agradou, pelo fato de não reproduzir o ethos taquicárdico (e romântico) da trilogia inicial, acrescentando um personagem desnecessário e mal defendido à mitologia do arqueólogo herói – um filho vivido pelo encenqueiro Shia LaBeouf – e incorrendo por uma trilha desbotada, fedida a naltalina, de reconstrução do passado do audiovisual. Quebra, portanto, com o apelo modernista da série, de mimetizar o passado e reinventá-lo.

Não houve essa reinvenção, e ela é essencial. Na década de 1980, quando “Os Caçadores da Arca Perdida” estreou, em 81, Spielberg e George Lucas fizeram um exercício proustiano (de buscar o tempo perdido) e resgataram o espírito heroico dos seriados dos anos 1930 e 1940 das matinês. Resgataram elementos de “Jim das Selvas” e de “Hopalong Cassidy”.

Fundiram essas filigranas ao arquétipo de 007, acrescentaram



O octogenário Harrison Ford encara o eterno Indiana Jones no longa que fecha o ciclo da franquia

# O chicote estala na Disney+

Fracasso no cinema, responsável pela mácula de uma franquia histórica, nova aventura de Indiana Jones vai tentar a sorte no streaming, levando à plataforma de Mickey seu esplendor

dados de História e Arqueologia, e edificaram a figura de Indiana, originalmente pensado para Tom Selleck, o Magnum da TV, e, depois, confiado ao intérprete de Han Solo, o hoje octogenário Harrison Ford. Esse mesmo toque de Proust se viu em “No Templo da Perdição” (1984) e no magistral “A Última Cruzada” (1989), que ainda trouxe Sean Connery (1930-2020) para viver o pai de Indy – numa catarse da relevância que James Bond teve na construção do personagem.

Diante desse histórico, de três filmes magistrais e um quarto longa um tanto decepcionante, o diretor James Mangold (“Ford vs. Ferrari”) assumiu o fardo de dirigir uma

quinta aventura de Dr. Jones com a incumbência de dar a ela o chame das legacy sequels, termo usado para continuações tardias, como “Top Gun: Maverick” (2022). Mas para um artista que deu um banho de loja em Stallone em “CopLand” (1997) e adicionou amargura às histórias dos X-Men, no doído “Logan” (2017), a missão não seria impossível. Seu “A Relíquia do Destino” é um primor, a despeito do que uma malfada arrecadação sugira.

Vertiginosa do tenso começo ao encantador fim, calcando-se em efeitos digitais gráficos pra rejuvenescer Ford nas sequências iniciais, “Indiana Jones e a Relíquia do

Destino” retoma o tom de matinê supracitado, recobrando o ritmo que havia em “A Última Cruzada”, o apogeu da franquia. Os vilões vistos em “The Dial of Destiny” (título original) são nazistas, soldados da SS dos mais cruéis. Um cientista formado pelo III Reich, Dr. Voller, muito bem interpretado por Mads Mikkelsen (Melhor Ator em Cannes por “A Caça”, em 2012), é a encarnação do Mal dessa milionária aventura feita numa parceria da Disney com a Paramount. Voller segue sempre acompanhado de um capanga cruel, Klaber, vivido por Boyd Holbrook, ator assinatura de Mangold.

Inconformado com decisões

equivocadas de Hitler, Voller quer adquirir um artefato – misto de bússola e ábaco – desenhado por Arquimedes, que pode, supostamente, fazer quem o utiliza voltar no tempo, encontrando uma fissura no cosmos. A peça daria a ele meios de assegurar a vitória ao Eixo, mas Indiana Jones não quer que um instrumento tão potente caia nas mãos erradas. O problema: ele acaba de ser largado pela mulher, Marion (Karen Allen), e foi forçado a se aposentar da universidade. Como é comum na obra (autoral) de Mangold, ele é um herói em fase de desterro. Um incidente incitante (seja um evento ou a chegada de um personagem) vai mudar essa rotina de derrota em que ele se encontra. O tal incidente é a afilhada há muito sumida do arqueólogo, Helena, uma contrabandista (ou quase isso) vivida por Phoebe Waller-Bridge (da série “Fleabag”). A sua personagem esbanja bom humor durante todo o filme, mas o pique de tensão da narrativa jamais cai, pelo contrário. Surpreende o modo sofisticado como Mangold emprega a linguagem audiovisual, por meio de elipses criativas, caçado numa fotografia de colorido rascante de Phadon Papamichael.

Que a Disney + cuide bem do Dr. Jones.

## CANTO DA CRÔNICA

LUÍS PIMENTEL  
JORNALISTA E ESCRITOR  
luispime@gmail.com

## Tantos Caetanos

**F**oi tanta estrada trilhada, tantos sons, tantas canções, que o menino baiano hoje é homem velho, que “deixa a vida e morte para trás, cabeça a prumo segue rumo e nunca, nunca mais”. Assim lá se vai e vai, com lenço, senso e documentos esse leão do Recôncavo que abraçou 80 anos em 2022, abraça o mundo e a Bahia com igual intensidade, pai de Moreno, Zeca e Tom, irmão de Bethânia, de Roberto, de Nicinha, de Rodrigo, de Clara, de Irene e de Mabel, irmão de todos nós, canoeiro filho de Dona Canô, dono de boa parte do imenso coração baiano.

De Santo Amaro – de onde veio todo o jogo de corpo que o samba de roda lhe deu – à Europa – onde “London, London” nasceu e de onde veio a noção de que fora mesmo expulso de sua terra, foi longa a caminhada contra o vento. A Bahia estava triste, a máquina mercante trocava tudo pelo imediatismo, aqui vivíamos numa angústia e desolação de dar dó, e em Londres aquela garoa que eles chamam de fog provocava uma tristeza infinita.

Cadê a paz repleta de ciúmes quando “dorme o Sol à flor do Chico, meio-dia”, e “tudo esbarra embriagado de seu lume”? Juazeiro, Petrolina nem se lembram; mas não há como esquecer imagens de uma “televizinho” em P&B mostrando um conterrâneo cabeludo e magricela dizendo que a vida é, sim, ir, “por que não?”, eis que havia, em momentos de tanta dureza, Alegria, Alegria!

Como tudo isto começou? Nos primeiros anos deste século eu fiz com o músico e pesquisador Charles Gavin (a convite da Universal Music), uma série de entrevistas com Caetano Veloso, com o objetivo de transformar os

depoimentos em lindo livro-catálogo a acompanhar caixa com todos os CDs lançados por ele até 2002. E comentados, um por um, pelo próprio artista (a bela foto de Caetano com os pais, arquivo da família, foi publicada na folha de rosto do livro, a que demos o título de “Tantas Canções”).

Como tudo isto começou foi a primeira pergunta que fizemos, na abertura dos trabalhos. Sua resposta: “Em Santo Amaro, claro. Talvez com as rodas de samba que ainda existem por lá, e que se refazem de vez em quando, nas festas de minha casa, onde a gente curtia e ainda curte um samba de roda, na varanda ou no pátio de casa. Hoje é menos frequente do que quando eu era menino, mas não desapareceu. Edite do Prato tocava lindamente. Minha mãe também tocava prato. Tocava-se e cantava-se aqueles sambas lindos, tradicionais, com muitas variações. Nunca parei de conhecer sambas para mim novos. Até hoje, de vez em quando, encontro pessoas de lá que cantam novos sambas que ouviram por ali”.

Claro que quisemos saber, também, sobre as experiências de exílio e de Brasil vividas por ele, juntamente com Gil: “Como tanta gente, também sofri as consequências da ditadura. Fui preso e depois exilado. Mas não fiquei com bronca do país; estranho, mas eu simplesmente achava que aquilo não poderia representar o Brasil. Eu representava o Brasil, não aquilo. Roberto Carlos representava o Brasil, não aqueles caras que me prenderam”.

Pegando o mote da representatividade, tão em moda nos dias de hoje, digo que Caetano me representa. Por que resolvi falar sobre ele neste momento? Como o próprio diria, olhar de soslaio, descaso e fastio, “sei não...”

# Lugar garantido para mergulhar no mundo da arte

Divulgação



*‘Beetlejuice’, musical com Eduardo Sterblitch, é uma das atrações do Cadeira Cativa. Festivais, shows, circuitos de arte de grande porte estão na agenda*

Através do Programa Cadeira Cativa, Secretaria Municipal de Cultura oferece milhares de ingressos para espetáculos consagrados

Por Cláudia Chaves  
Especial para o Correio da Manhã

**A** cada dia o teatro prescinde mais e mais de programas de desenvolvimento de plateia tem uma essência. A iniciativa garante que diversos grupos sociais tenham acesso às mais diferentes experiências e linguagens artísticas. Também deve-se incluir os chamados multiplicadores, os educadores de Ensino Fundamental. Oficinas e encontros são também bem vindos porque audiência se cria com o prazer de ir desfrutar, aos

formadores a o conhecimento sobre a arte.

A Secretaria Municipal de Cultura retomou o programa Cadeira Cativa, que permite o acesso às artes, com a distribuição de ingressos para espetáculos culturais e artísticos -dança, música e teatro, a profissionais da educação, com prioridade à rede municipal, beneficiários de projetos sociais e instituições como organizações não-governamentais, universidades e escolas públicas.

“Ao propor políticas públicas que facilitem o acesso dos nossos educadores à nossa rica produ-

ção cultural, não só expressamos nosso reconhecimento por seu trabalho, mas, também, investimos na elevação do padrão educacional dos nossos jovens, incentivando sua curiosidade em relação aos equipamentos e à vida cultural da cidade”, afirma o secretário municipal de Cultura, Marcelo Calero.

O espetáculo da vez é “Beetlejuice - O musical”, em cartaz na Cidade das Artes até 10 de dezembro. O Cadeira Cativa destina 50 ingressos gratuitos por sessão do espetáculo estrelado por Eduardo Sterblitch.

As instituições interessadas em participar do Cadeira Cativa devem preencher o formulário digital disponível no site da Secretaria Municipal de Cultura (<https://bit.ly/progcadeiracativa-instituicoes>). Informações e programação no Instagram @cultura\_rio.

# As paisagens sonoras de Marcio Guelber

Multi-instrumentista mineiro lança álbum de estreia com oito temas autorais

**N**atural de Juiz de Fora (MG), o compositor e multi-instrumentista Marcio Guelber acaba de lançar “Futuras Paisagens”, seu álbum de estreia, que chega a todas as plataformas digitais. O trabalho autoral reúne oito composições que retratam o imaginário e a expressividade do artista, sua musicalidade intuitiva, sua forte personalidade enquanto compositor, as paisagens de sua terra, os



Vinicius Terror/Divulgação

**Marcio Guelber: ‘É um trabalho feito manualmente com a delicadeza necessária para alcançar os mais diferentes ouvintes’**

afetos e suas memórias ancestrais.

Em “Futuras Paisagens”, Guelber celebra a vida e tece com suas melodias poéticas um elo entre

mundos, um caminho para liberdade. O disco foi gravado por Marcio (acordeon, piano, violão 7 cordas), Antônio Loureiro (bateria, percus-

são e vibrafone), Guto Wirtti (baixo acústico), Nara Pinheiro (flauta) e Joana Queiroz (clarinete).

Trabalho atemporal, o álbum

nas palavras do músico, “fala sobre os processos e ciclos de vida, das infinitas possibilidades de nascer e renascer, da relação intrínseca entre a humanidade e a natureza”.

Guelber usa a organicidade dos instrumentos que toca para trabalhar as melodias com artesanato. “É um trabalho feito manualmente, que busca uma delicadeza necessária para alcançar os mais diferentes ouvintes e com isso criar novas conexões e diferentes formas de ver e sentir a vida”, explica.

## Arranjo especial

O álbum ainda conta com um arranjo especial para quarteto de cordas na música “Âmago”, feito por Rafael Martini e gravado por Marcio Guelber (acordeon), Luka Milanovic (violino), Jovana Trifunovic (violino), Mikhail Bugaev (viola) e Eduardo Swerts (violoncelo).

Como instrumentista, Marcio Guleber se apresenta com seu trabalho autoral em festivais, teatros e casas de shows desde 2017. Sua trajetória musical é permeada por encontros e parcerias com artistas, músicos e compositores de diversas partes do mundo.

# Vero amadurece em ‘Amormaço’

Cantora e compositora explora facetas do amor em EP

A cantora, performer e compositora Vero mergulha nas complexidades das emoções amorosas, explorando uma estética cada vez mais madura no EP “Amormaço”. Após a boa acolhida de seu álbum de estreia, “Contrapranto” (2021), a artista convida a uma jornada íntima, calorosa e intensa.

O EP é uma transição natural na carreira da artista e explora a existência do amor desde suas formas mais e difíceis até seu lado maduro. A cantora e o produtor Lucasbin buscaram neste trabalho um estilo mais específico, com for-

tes influências de R&B.

“Esse EP é uma transição entre um amor sofrido, dolorido, aquele amor que vemos e romantizamos tanto nos filmes e novelas, para um amor que faz crescer, um amor quentinho, gostoso, aconchegante. As músicas são como se sentar em um parque e sentir a luz do sol bater na pele”, resume Vero.

A faixa “Quero Lembrar” transporta o ouvinte para uma atmosfera experimental e etérea, uma reflexão sobre amores antigos e os momentos que se dissipam na memória. Em “Fala Aqui”, explora-se



Maju Tohme/Divulgação

**Vero: ‘As músicas são como se sentar num parque e sentir a luz do sol bater na pele’**

a dança das descobertas amorosas, num convite a uma experiência avulhada e cheia de groove. “Fascínio” descreve o desejo com a intensidade de uma obra de arte. “No Sol” combina sensações de calor e psicodelia com harmonias dissonantes. Por fim, “Parei no Tempo” é uma canção pessoal de ar confessional que reflete sobre temas como cresci-

mento e os processos de vida.

Além do lançamento do EP, está previsto um filme audiovisual que apresenta as músicas de “Amormaço” como um clipe contínuo, criando uma narrativa visual para complementar a experiência auditiva. A cantora também se prepara para um show de lançamento, intitulado “O Jazz da Vero”, no Con-

servatório de MPB de Curitiba.

O novo trabalho soma a uma carreira musical já de destaque na cena alternativa do Paraná. A trajetória de Vero inclui o Grupo de MPB da UFPR e é uma das fundadoras do Coro Cênico de Curitiba, onde atua até hoje. Em 2020, começou a criar seu trabalho como artista individual, já ao lado do DJ e produtor Lucasbin. Em 2021 a dupla lançou um álbum de 10 canções autorais, que já caminha para 100 mil audições apenas no Spotify, além de 4 vídeos, shows online, entre outros projetos.

Com “Contrapranto”, Vero e Lucasbin ocuparam palcos de Curitiba, São Paulo, Londrina e Maringá, além de dividirem noites com artistas como Sophia Chablau e Uma Enorme Perda de Tempo, Pedro Bienemann e Lumanzin. Ao longo de 2022, Vero lançou os singles “Sina”, “Cilada”, “Ladainha” e “Errei a Dose”.

## CRÍTICA / RESTAURANTE / SÍTIO GASTRONÔMICO

Tomás Rangel/Divulgação

# Eu quero essa casa de campo

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

**S**air do Rio em uma sexta nublada é uma benção. Subir a serra para chegar a Secretário e encontrar uma casa daquelas de fazenda, esparramada, grama, horta, gazebo e sermos recebidos carinhosa e efusivamente por Lucca Medeiros foi o segundo passo ter certeza: quero ficar aqui.

Logo, Lucca nos brindou So Fresh So Clear (bourbon, maracujá, mel, limão siciliano, licor

43 e orange bitters) com base de milk clarificado (coagem do líquido em leite talhado), criação de Raphael Renaldin, que além dos drinques fica à frente de bar só com os melhores.

Sentamos à mesa e chega Anna Dolezal, a chefe, casada com Lucca e mãe de Helena, que explica a proposta: somos as co-baixas do Menu Primavera. A proposta de um menu completo varia com o que há na própria horta e com o fornecimento de produtores locais. Aí começamos: o pão da casa, excelente, partido fino e



Arroz de pato, salsa verde, salada de ervas e queijo tulha

bem quentinho com manteiga de tomate e anchova – o casal recém-chegado da Espanha trouxe, as melhores do Cantábrio – para quem adora, como a coluna, subimos aos céus, pois é ingrediente raro aqui.

Foram tantas delícias que fare-

mos um comentário: serviram salmão, camarão, pato, cordeiro, legumes, queijos... Tudo com temperos e misturas que se casam à perfeição, como Taglioline, Bolonhese de Lula e Polvo Grelhado com aquele molho de tomate de uma jornada no fogo; Crudo de Atum, uva Vi-

toria e creme de cogumelo – o cru, o cozido e o doce em união que deve ser indissolúvel – e o Carpaccio de Rosbife com Boursin e salsa verde, tostado e cru, com sal grosso na casquinha.

Um reblochon com mel fez a passagem para a Torta Basca (aquela que a base é de ovos e o recheio de queijo que toma toda sobremesa). Veio o pulo de gato da chefe criativa, dedicada, com total conhecimento do que faz. Ana coloca gorgonzola, o que dá o necessário sabor de queijo no difícil recheio que deve ser levíssimo, mas intenso. E nada mais havendo a tratar, infelizmente, descemos com a certeza que é lugar perfeito para se confraternizar.

## SERVIÇO

SÍTIO GASTRONÔMICO

Estrada Francisco Guimarães, nº 1.100, Pedro do Rio (RJ)  
Sexta e sábado (12h30 às 22h)  
e domingo (12h30 às 18h)

## NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Diego Padilha/Divulgação



### Aula com dois craques

As aulas do Zona Sul são encontros dos bons. Nesta quarta-feira (8) tem “Sabores Milà - A gastronomia espanhola com toque brasileiro harmonizada com cerveja” com o chef Fernando Almeida (Casa Milà) e o especialista José Padilha, o craque das cervejas. A harmonização escolhida por Padilha acompanha as receitas Jamón ala Milà; como prato principal a Moquequinha Negra e para finalizar, a crema Catalana, degustados ao final. Fernando ensina os pratos deliciosos enquanto Padilha faz a maravilhosa fala sobre cervejas artesanais. Na filial Barão da Torre. Vagas limitadas.

### Salve o pistache!

Típico da primavera e apreciado nos quatro cantos do mundo, o pistache é base de delícias com seu sabor único e levemente adocicado. O versátil grão é o protagonista do Festival de Pistache, na Éclair Cafeteria e Bistrô, durante todo o mês de novembro, na loja do BarraShopping. A chef Milena Sá preparou três versões especiais de éclair: pistache, mousse de pistache com chocolate e cobertura de chocolate e grãos de pistache; duas bebidas – frappée (gelado e batido) e a bebida quente (baunilha, leite, creme e grão de pistache).

Divulgação



Tomás Rangel/Divulgação



### Ser ou não ser (trufada)

Azeite trufado é polêmico. Detestado ou adorado, é parte da alta gastronomia. Essa discussão envolveu os chefs Thomas Troisgros e Rafael Cavaliere. Thomas queria evitar. Já Rafael queria entrar na brincadeira. Convergiaram em 180g de blend Angus Premium, queijo meia cura derretido, cebola caramelizada no vinagre balsâmico e maionese de trufas. Já a batata chega crocante e temperada com sal, pimenta do reino, azeite trufado e queijo parmesão. Como parte da celebração dos 10 anos de T.T. Burger, o Menu T.T. rufado fica por quatro meses no cardápio. Confere lá.